

Diário dos Campos: introdução e evolução das imagens nos anos 1920¹

Nicolas Pedrollo RIBEIRO²

Carlos Alberto de SOUZA³

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR

Resumo

O jornal Diário dos Campos, também conhecido apenas pelas suas iniciais, DC, é o mais antigo jornal impresso ainda em circulação no estado do Paraná, fundado em 1907 pelo maestro Jacob Holzmann na cidade de Ponta Grossa. Desde sua fundação o veículo impresso foi se adaptando aos novos padrões e novas tecnologias, mesmo com recursos limitados. E com o surgimento da fotografia nos veículos impressos da época, o Diário dos Campos também passou a utilizar a novidade em suas páginas. Já nos anos 1920 o jornal estampava imagens, tanto na capa como nas páginas internas, mesmo com limitações tecnológicas e financeiras enfrentadas pelo DC. Esta pesquisa sobre o uso de fotografia no DC adota uma abordagem qualitativa do método de Análise de Conteúdo e tem por objetivo identificar o início da publicação de fotos neste período.

Palavras-chave: Fotografia; Ponta Grossa; Jornalismo.

Introdução

O Diário dos Campos (DC) é o mais antigo jornal ainda em circulação no Paraná, fundado antes mesmo de veículos maiores como Gazeta do Povo e Tribuna do Paraná. O veículo foi criado sob o nome “O Progresso” no ano de 1907, passando a se chamar Diário dos Campos em 1913. Por volta do fim dos anos 1910 e início dos anos 1920, usando a atual nomenclatura, o veículo passou a fazer o uso de imagens em suas páginas, sendo que praticamente todas as fotografias utilizadas no DC provinham do acervo das pessoas e entidades representadas no jornal. Também eram impressas imagens que chegavam por telegramas, que provinham principalmente das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da UEPG. Integrante do grupo de pesquisa Fotojornalismo, Imagem e Tecnologia do Departamento de Jornalismo e do grupo de extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto). E-mail: nicolaspribeiro@outlook.com

³ Professor Doutor em Ciências Humanas pela UFSC. Integrante do quadro de docentes do curso de Jornalismo da UEPG. Orientador do trabalho. E-mail: carlossouza2013@hotmail.com

O intuito deste trabalho foi verificar como as imagens utilizadas pelo jornal eram abordadas, procurando o intuito da utilização das fotografias, ou seja, descobrindo a periodicidade de seu uso, as pessoas, empresas e entidades que eram representadas e também o motivo pelo qual o jornal, que nesta época não usava este recurso em todas as edições, optava por representar algo com imagens em suas páginas.

História do fotojornalismo

Para Jorge Pedro Sousa (2002, p. 13) “a fotografia já foi encarada quase unicamente como o registo visual da verdade. Foi nesta condição que foi adoptada pela imprensa”, ou seja, se diferenciando da arte, a fotografia poderia ser considerada como o “espelho do real”, porem a sua entrada na imprensa não foi tão fácil e simples assim. Conforme pontua Hicks (1952), apontado por Sousa (2002)

apesar do potencial informativo da fotografia, os editores de jornais resistiram durante bastante tempo a usar imagens fotográficas. Esses editores desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica e também consideravam que as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante (HICKS, 1952, apud SOUSA, 2002, p. 13).

Como Sousa (2002) aponta nas palavras de Hicks (1952), a fotografia possui um bom potencial informativo e é justamente por isso que logo em breve a fotografia passaria a ser amplamente utilizada pelos veículos impressos da época. Conforme Baynes (1971)

o aparecimento do primeiro tablóide fotográfico, o Daily Mirror, em 1904, marca uma mudança conceptual: as fotografias deixaram de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita (BAYNES, 1971, apud SOUSA, 2002, p. 13).

Com a utilização da fotografia numa escala maior, os jornais passaram a explorar as fotos do ponto de vista técnico, visando melhorar as imagens capturadas e também procurando maior facilidade em seu manuseio. Para Sousa (2002, p. 14) “a investigação levou ao aparecimento de máquinas menores e mais facilmente manuseáveis, lentes mais luminosas, filmes mais sensíveis e com maior grau de definição da imagem”, havendo melhoras nas imagens obtidas.

Como resultado desses investimentos feitos pelos jornais, a fotografia começou a se tornar mais frequente nas publicações, fazendo com que os passos para o desenvolvimento do fotojornalismo moderno começassem a ser trilhados.

O fotojornalismo moderno

Conforme Jorge Pedro Sousa (2002, p. 17), “pode situar-se na Alemanha o nascimento do fotojornalismo moderno”. Segundo o autor, nos anos 1920 floresceram na Alemanha as artes, letras e ciências, que refletiram também na imprensa, tornando o país com a maior quantia revistas ilustradas no mundo. Sousa também pontua que “posteriormente, influenciadas pelas ideias basilares das revistas ilustradas alemãs, fundar-se-iam em França, no Reino Unido e nos Estados Unidos as revistas *Vu*, *Regards*, *Picture Post* e *Life*, entre várias outras publicações” (SOUSA, 2002, p. 17), ou seja, as ideias alemãs de fotojornalismo influenciaram o mundo todo com seus novos conceitos e padrões, onde “já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o “mosaico” fotográfico com que se tenta contar a história” (SOUSA, 2002, p.17).

O autor também diz que surgem novos tipos de fotografias, como a fotografia cândida, os fotos-ensaios, e as fotos-reportagens. Enquanto a Alemanha revolucionava os conceitos de fotojornalismo no início dos anos 1920, o *Jornal Diários dos Campos*, publicado em Ponta Grossa no interior do Paraná, começava a dar os seus primeiros passos na utilização das fotografias em suas páginas, começando com pequenas imagens, porém já no ano de 1923, a primeira fotografia estampou a capa do jornal, sendo possível perceber que o veículo ponta-grossense estava passando por um rápido desenvolvimento em relação às fotografias.

A importância da fotografia

Com o desenvolvimento da fotografia a partir do daguerreotipo, ocorre a diferenciação definitiva entre arte e fotografia. Para Jorge Pedro Sousa (2000) essa diferença aparece de um modo significativo com a “técnica do colódio” – negativo-positivo. O autor considera a nova técnica de fundamental importância pois “permitiu “congelar” a ação, impressioná-la numa imagem quase em tempo real, capturar o imprevisto, chegar ao

instantâneo e, com ele, acenar com a ideia de verdade” (SOUSA, 2000, p. 21), ou seja, a fotografia passou a ser tratada como um recorte da realidade num exato instante, pois dessa forma não há como mentir – considerando que na época não haviam muitas formas de se manipular fotografias.

Com a segurança de representação do real passada à fotografia, começam a surgir as primeiras reportagens que utilizam fotos, sendo que a primeira grande cobertura que utilizou a tecnologia foi em 1855, quando “Roger Fenton (1819-1869) parte para a Guerra da Crimeia, com quatro assistentes e uma enorme parafernália de equipamento, entre o qual uma carroça-laboratório, indispensável para a necessária revelação imediata das fotografias” (SOUSA, 2000 p. 22).

Fotografia e jornalismo

A fotografia, com o passar do tempo, foi ganhando cada vez mais importância no cenário jornalístico. Dulcília Buitoni afirma que “se o jornalismo foi se constituindo como comunicação de sucessos sociais e culturais, era natural que a presença de visualidades figurativas se impusesse como necessidade” (BUITONI, 2007, p. 103), ou seja, a fotografia passou a ser vista como algo essencial nos veículos de comunicação, e conforme o passar do tempo, foi ganhando mais credibilidade no meio jornalístico por ser considerada um retrato do real.

Buitoni diz que apesar da confiabilidade na fotografia, “a fotografia como espelho da realidade ainda conserva um fundo de justificativa para o senso comum” (BUITONI, 2007, p. 103). A autora também afirma que “mesmo a própria vivência dos usuários de câmeras digitais, que sabem das manipulações – e as realizam – não é suficiente para que se desconfie da veracidade da foto jornalística ou não jornalística” (BUITONI, 2007, p. 103), ou seja, mesmo com programas e aplicativos que favorecem e até mesmo facilitam a manipulação de imagens atualmente, a fotografia ainda é detentora de grande credibilidade nos meios de comunicação, que não era o caso do Jornal Diário dos Campos nos anos 1920, pois na época a manipulação era algo mais raro. Conforme Jorge Pedro Sousa (2002, p. 135) foi nos anos 1980 que “a velha questão da truncagem e manipulação de fotografias adquiriu uma dimensão superior, devido à emergência dos meios digitais de geração e processamento de imagens”.

Com o passar do tempo, o fotojornalismo foi adquirindo características próprias, que o definem como sendo uma foto jornalística. Cada veículo trabalha livremente com os elementos que estão à sua disposição para compor um jornal. Para Frederico de Mello Brandão Tavares e Paulo Bernardo Ferreira Vaz há entre os veículos “formas distintas de linguagem. Textos, imagens, formato, diagramação, tipografia, projeto gráfico e até o preço de cada jornal expressam maneiras jornalísticas particulares e oferecem diferentes construções narrativas sobre a realidade” (TAVARES, VAZ, 2005, p. 130).

Para Jorge Pedro Sousa (2002), não basta apenas uma fotografia para que seja considerada fotojornalismo. A foto deve possuir elementos que a caracterizem como fotojornalismo onde

se inscrevem o texto, insuflador de sentido à imagem, e os elementos que fazem parte da própria imagem, como a pose, a presença de determinados objectos, o embelezamento da imagem ou dos seus elementos, a truncagem, a utilização de várias imagens, etc. (SOUSA, 2002, p. 75).

Entre outras características que entram para a definição do fotojornalismo, também devem ser considerados elementos específicos da fotografia como a relação espaço-tempo, a utilização expressiva da profundidade de campo, da travagem do movimento e do movimento escorrido, etc. Todos esses elementos caracterizam o fotojornalismo, que conforme Sousa (2002) estavam surgindo na Alemanha nos anos 1920. No Jornal Diário dos Campos pode se ver gradualmente a introdução desses elementos a partir do momento em que as imagens começaram a ser utilizadas.

Fotografia como elemento de resgate histórico

A fotografia possui um papel importante na investigação histórica. Para Maria Luisa Hoffmann (2014, p.73) “a utilização das representações imagéticas ampliou os horizontes da investigação histórica, sua recuperação e organização em arquivos contribuiu para a formulação de pesquisas sobre o homem e seu passado”. A autora também afirma que “em pesquisas científicas, a imagem fotográfica deve ser abordada em duas linhas de investigação: como artefato e como registro visual de seu tempo” (HOFFMANN, 2014, p. 73).

No caso do resgate do uso de imagens pelo Jornal Diário dos Campos na década de 1920, a imagem deve ser vista como um artefato e também como registro visual de seu

tempo, que nessa época ainda era pouco usada, para ilustrar e complementar os conteúdos trabalhos pelo jornal. Conforme as diretrizes criadas por Kossoy:

[...] no primeiro momento da pesquisa deve ser realizada a análise técnico-iconográfica, isto é, técnica, porque analisa o artefato, a matéria, ou seja, o conjunto de informações de ordem tecnológica que caracterizam a configuração material do documento, iconográfica porque aborda o registro visual, a expressão, o conjunto de informações visuais que compõe o conteúdo do documento. (2012, p. 81, apud HOFFMAN, 2014, p. 73)

Ou seja, essa dupla faz com que o resultado venha mais rapidamente e seja mais eficaz, conforme a experiência do pesquisador e quanto mais conviver com as fontes fotográficas, conforme Kossoy (2012).

O fotojornalismo no Diário dos Campos

Em análises realizadas no acervo da Casa da Memória Paraná, em Ponta Grossa, que preserva uma parte do acervo histórico do Diário dos Campos, disponível publicamente, mas utilizada geralmente por pesquisadores, foi possível compreender o uso da fotografia no periódico, do ponto de vista jornalístico, e mais especificamente, do fotojornalismo. A primeira conclusão que pode ser tirada é que o Diário dos Campos não possuía os equipamentos mais modernos e nem grandes recursos financeiros, como ocorria em veículos impressos da capital e de grandes cidades brasileiras da época. Conforme Bucholdz (2007), o jornal foi dobrado manualmente, um a um, pelo filho de seu fundador, Epaminondas Holzmann e outros funcionários durante muito tempo após sua fundação e também nesta época a sede ocupava um pequeno imóvel de madeira no centro da cidade. As afirmações da autora enriquecem o fato de que o DC tinha uma estrutura modesta no início do século passado, mas o fato de trabalhar com imagens já na segunda década dos anos 1900 revela que o veículo não poupava esforços para trazer novas tecnologias e buscar a melhor qualidade possível para suas páginas.

Conforme o estudo realizado, verifica-se que as imagens ainda eram pouco utilizadas na primeira metade dos anos 1920, ou seja, várias edições seguidas não continham nenhuma fotografia, possuindo, no máximo, ilustrações que provinham de anunciantes, o que ainda era muito valorizado pelos jornais e pelo público, conforme Buitoni (2007)

A fotografia não substituiu tão fácil e rapidamente o desenho na imprensa. Há relatos de que durante um bom tempo nos jornais europeus a fotografia servia de modelo para o gravurista e de que o público atribuía mais credibilidade ao desenho do que à foto. Mesmo no século de grande aceitação da ciência – e a invenção da fotografia está relacionada ao desenvolvimento científico – esta é uma situação em que a nova tecnologia não suplantou de imediato a anterior (BUITONI, 2007, p. 3).

Figura 1 – Exemplo de ilustrações de anunciantes contidas no jornal, em janeiro de 1920



A primeira fotografia encontrada no Diário dos Campos na primeira metade da década de 1920 é datada do dia 18 de janeiro de 1920. A imagem em questão ocupa pouco espaço e possui pouca nitidez se comparado ao que vemos atualmente. A foto não respeita as linhas de diagramação, invadindo um pouco da coluna ao lado e também percebe-se que é uma fotografia posada, semelhante ao que se vê em pinturas. Sobre isso, Sousa (2000) considera que

A fotografia de retrato, pelo seu lado, também vai copiar as poses forçadas e os cenários que a pintura usava. Mesmo ao nível técnico, o retoque e a pintura das fotos vão fazer escola. Tal constitui um indício da ideia então vigente de que a fotografia era como uma extensão da pintura que, eventualmente, substituiria esta última (SOUSA, 2000, p. 17).

A semelhança com as pinturas citadas pelo autor é outra característica observada na análise, onde muitas fotografias se assemelham aos retratos pintados em óleo, utilizando as mesmas poses e enquadramentos, o que era muito comum nas fotografias

Figura 2 – Primeira edição a conter uma imagem na capa nos anos 1920, datada de janeiro de 1920



O DC, conforme a pesquisa, valorizava personalidades da cidade em suas páginas. Eram retratados políticos, militares e outras pessoas influentes não só da cidade, mas também da região e do estado. Na época a fotografia ainda não era favorita em relação às ilustrações, porém era considerada mais realista, ou seja, acredita-se que a imagem estava sendo fiel à realidade ou a pessoa que estava sendo representada, conforme Buitoni (2007). Com isso, o jornal passou a inserir mais fotografias em sua composição, porém as edições que possuíam uma maior quantidade de fotos eram especiais, pois exigiam mais recursos e mais trabalho, levando em conta a situação financeira e as tecnologias utilizadas na produção do periódico.

Uma das edições com grande número de fotografias foi publicada em 20 de setembro de 1923, especial do centenário de Ponta Grossa, sendo que as fotos estavam

presentes em 3 páginas da edição, ficando clara também, a valorização de nomes locais, com imagens do prefeito e de um major, considerados pelo jornal como importantes. Na publicação também é possível verificar que as imagens já respeitam as linhas de diagramação, deixando o DC mais organizado. O exemplar contém algumas páginas rasgadas, mas ainda é perceptível a utilização de fotografias.

Figura 3 – Edição especial do centenário de Ponta Grossa, publicada em 20 de setembro de 1923



Mesmo com a grande parte das poucas imagens utilizadas na época sendo dedicadas a representações locais, não se exclui a possibilidade de representação de pessoas de outros lugares fora de Ponta Grossa e dos Campos Gerais. Notícias que tinham uma grande repercussão nacional chegavam por meio de telegramas do Rio de Janeiro e de São Paulo, conforme Bucholdz (2007). Em alguns casos continham fotografias, como é o caso da publicação do dia 27 de janeiro de 1923, em que o Diário dos Campos coloca uma foto de Ermelino Matarazzo – um grande empresário paulistano – diretamente na capa, anunciando o seu falecimento e ‘esclarecendo seus pêsames’ à morte do empresário. Possivelmente por Matarazzo ser uma grande figura do ramo empresarial nacional da

época, o jornal optou por prestar a homenagem diretamente na capa, dando destaque e relevância para o conteúdo.

Figura 4 – Edição publicada em 27 de janeiro de 1923 anuncia o falecimento do empresário Ermelino Matarazzo



Além do retrato de personalidades locais e nacionais, o Diário dos Campos publicava imagens de espaços públicos e edifícios, não levando em consideração alguns dos princípios do fotojornalismo atual, como a obrigatoriedade da presença de elementos humanos nas fotografias. Se referindo ao fotojornalista Eduardo Gageiro, Sousa (2000) ressalta a importância do elemento humano e outras características para a composição das fotografias jornalísticas.

Eduardo Gageiro pode considerar-se, assim, um certo continuador da estética da fotografia de salão, embora dê uma atenção invulgar ao elemento humano e à composição geométrica. Aliás, é a qualidade estético-composicional o valor humano e a força dramática que fazem dele um fotojornalista com traços que também se reconhecem em Eugene Smith (lirismo e perfeccionismo técnico) e Cartier-Bresson ("instante decisivo") (SOUSA, 2000, p. 227).

Considerando características como a importância do elemento humano, pode-se concluir que o DC ainda não valorizava tais definições. Voltando à edição especial do centenário de Ponta Grossa, podemos ver em uma das páginas internas, um material falando sobre a ‘Ponta Grossa moderna’, contendo fotos de alguns edifícios da cidade, como do antigo Clube Pontagrossense. Além do edifício, o periódico também insere uma imagem de uma das principais ruas da cidade, a Coronel Cláudio. O jornal usa uma fotografia desta rua por ser próxima à Estação Saudade, que era um dos principais edifícios de Ponta Grossa.

Figura 5 – Página interna da edição de centenário de Ponta Grossa exibindo o conteúdo sobre a ‘Ponta Grossa moderna’, publicada em 18 de setembro de 1923.



Mais além das representações de personalidades, ruas e edifícios, o DC também representava algumas organizações da sociedade princesina com imagens. Entre os principais grupos e organizações fotografados pelo jornal estão o Grupo de Escoteiros e a banda Lyra dos Campos – de propriedade do fundador do Diário dos Campos, Jacob Holzmann. Nesta época, conforme pontua Sousa (2000), a técnica era um dos aspectos mais valorizados pelos fotógrafos, visto que alguns modos de montagem e enquadramentos já eram perceptíveis no periódico.

Nos primeiros tempos, a utilização da fotografia prendeu-se, principalmente, com demonstrações técnicas, mas, pouco a pouco, por influência dos primeiros fotógrafos, em muitos casos também pintores, foram surgindo determinados cânones estético-expressivos para o medium. Estavam criadas as primeiras convenções profissionais, muito semelhantes às da pintura (SOUSA, 2000, p. 17).

Conforme citado pelo autor, o fotojornalismo na época ainda era marcado pelo legado da pintura. No Diário dos Campos era perceptível essa semelhança, como no caso de fotografias dos grupos e organizações, assim como de pessoas. Todas eram posadas, assim como nas pinturas. Outra característica, consequência da pose, é que as pessoas mantinham uma fisionomia séria ao olharem para a lente da câmera. Em casos onde as imagens eram de perfil, o mesmo ocorria, como pode ser observado nas figuras anteriores. Essas características ligadas à arte. Também pode-se perceber nas fotografias do DC algumas molduras e bordas no entorno de cada uma. Segundo Sousa (2000), essa característica é mais um elemento do fotojornalismo da época que foi herdado da arte. “Provavelmente, a associação da fotografia à pintura e, portanto, à arte, terá sido também uma das razões que levou ao enquadramento das imagens fotográficas publicadas na imprensa por filetes floreados e outros motivos, como se da representação de uma moldura se tratasse” (SOUSA, 2000, p. 11).

Buitoni (2007) afirma que houve uma certa resistência em relação a substituição das ilustrações pelas fotografias propriamente ditas e em alguns casos, a fotografia era utilizada apenas como um elemento secundário. “Apesar da grande difusão da fotografia, muitas publicações preferiam os desenhos descritivos. Frequentemente, as fotos funcionavam como registro de uma cena que seria transformada em gravura” (BUITONI, 2007, p. 105).

Este fato também ocorria no Diário dos Campos, porém de uma maneira menos expressiva, pois se as matérias não continham fotografias, eram apenas textos corridos, não contendo ilustrações, ou apenas em alguns casos. A maior parte das ilustrações que compunham as páginas do DC provinham de anunciantes.

Figura 6 – Edição publicada em outubro de 1923, retratando a banda Lyra dos Campos



As características que estão presentes no jornal e que foram herdadas da arte, ainda que com menos força do que em outros veículos, podem ser observadas nas figuras acima, como os enquadramentos, as poses e as bordas de cada imagem. Apenas pela análise das páginas do jornal não se pode concluir o real motivo pelo qual o jornal utiliza poucas ilustrações em suas páginas, mas levando em conta que, segundo Bucholdz (2007), o jornal não era detentor de grandes recursos financeiros e tecnológicos, pode-se deduzir que tirar uma foto apenas para a usar como base para fazer uma ilustração não era uma opção. Também deve ser levado em conta o fato de que nos anos 1920, a fotografia já conquistava o seu espaço, algo que nem todos os jornais de interior ostentavam nesta época.

Aos poucos, as imagens foram conquistando mais espaço e relevância, tornando este período fundamental para a implementação diária e definitiva das imagens no DC. Sousa (2002) considera que

a fotografia jornalística ganhou força, ultrapassando o carácter meramente ilustrativo e decorativo a que era votada. O fotojornalismo de autor tornou-se referência obrigatória. Pela primeira vez, privilegiou-se a imagem em detrimento

do texto, que surgia como um complemento, por vezes reduzido a pequenas legendas (SOUSA, 2002, p. 18).

Com as observações de Sousa, podemos considerar que aos poucos as imagens foram conquistando seu espaço. No ano de 1920, o Diário dos Campos quase não continha imagens, sendo usadas raramente. Em pouco tempo, já em 1923, é possível observar um maior número de fotografias, mesmo que muitas edições seguidas não tivessem nenhuma. O especial do centenário de Ponta Grossa feito pelo jornal, consolida a ideia de rápida evolução em um curto período de tempo e num período em que o periódico possuía poucos recursos.

Conclusões

O Diário dos Campos passou por diversas transformações e mudanças ao longo de sua história para se tornar o veículo que é hoje. A fotografia foi um passo fundamental para o desenvolvimento do jornal, levando em conta que atualmente os jornais impressos possuem muitas fotografias em todas as páginas, se tornando um item indispensável na composição dos jornais. O DC iniciou a inserção de fotografias relativamente cedo, se considerarmos o porte de Ponta Grossa na década de 1920 e as tecnologias usadas pelo jornal à época, que nem sempre era o que se tinha de mais moderno na produção de um jornal. O foco do periódico, quando se tratando de imagens, ao contrário dos grandes jornais, eram nas personalidades da cidade, representando figuras públicas e organizações locais. Quanto ao que foi herdado da arte, foram observadas as poses e as molduras, características comuns desse período de mudança, onde se observa que o jornal também usou características de pintura em suas fotografias, assim como os grandes veículos da época.

É inegável que este período, que compreende o início dos anos 1920, foi fundamental para a inserção da fotografia e modernização do Diário dos Campos, que hoje ostenta o título de jornal mais antigo em circulação no Paraná. Muitas são as mudanças e exigências para que os veículos impressos possam sobreviver e se adaptar conforme o tempo. O jornal, por um século, conseguiu sobreviver até aqui, e a persistência em inovar, mesmo com recursos limitados, é o que fez e o que faz o Diário dos Campos sobreviver até os dias de hoje.

Referências

BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder e público: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)**. São Paulo: INTERCOM, 1997.

BUCHOLDZ, Alessandra Perrinchelli. **Diário dos Campos: memórias de um Jornal Centenário**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

BUITONI, Dulcília. **Fotografia e Jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real**. São Paulo: Líbero, 2007.

GADINI, Sérgio. Prefácio. In. **Diário dos Campos: memórias de um Jornal Centenário**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Letras contemporâneas, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: 2002.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão e VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. **Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão**. Porto Alegre: **Revista FAMECOS**, 2005.